

Editorial

Prezados colegas, especialmente aqueles comprometidos e engajados com o debate intelectual e com a pesquisa ligados ao campo do turismo, e caros colaboradores, folgamos com mais um número da ABET, a Anais Brasileiros de Estudos Turísticos, que vem à tona!

Em um primeiro semestre de 2012, permeado de incertezas, decorrentes, muitas delas, de crises econômicas que solapam boa parte do globo, conflitos regionais, espalhados que estão por todo o mundo neste instante, e calorosas e profícuas discussões acerca do futuro da humanidade, mormente os diálogos travados ao longo da Rio +20, eis que mais um número da ABET emerge no cenário acadêmico brasileiro (e por que não internacional?) ligado ao turismo, problematizando, isto é, lançando luz acerca de algumas de nossas incertezas epistemológicas. Mas, antes de continuarmos, importa considerar que, ao lançar luz acerca do saber e do fazer turístico no Brasil, os trabalhos constituintes desta coletânea visam menos desconstruir de maneira radical e pouco produtiva o turismo nacional e mais fomentar uma discussão acerca da construção do turismo em bases pragmáticas e epistemológicas mais consistentes.

Ademais, a contribuição aqui existente, sintetizada por seis trabalhos, não nos impede, contudo, de ratificar também algumas de nossas convicções ligadas à área do turismo!

Feitas essas considerações, ainda que de maneiras distintas, os textos contidos neste número parecem ser conduzidos por um mesmo fio condutor: a problematização do turismo, mediante o questionamento de algumas de suas categorias analíticas; o confronto com seus supostos benefícios socioeconômicos; a reflexão em torno do estado da arte de suas investigações científicas; a ida de encontro ao suposto discurso consensual, acrítico e apolítico que perpassa ações ligadas ao setor turístico, entendido aqui de maneira ampla, isto é, composto pela área acadêmica, pelo setor privado e pelo poder público.

O primeiro texto do presente número, intitulado “*Breve Apresentação do Professor Carlos Eduardo Silveira*”, de Sidney Daniel Batista, descortina uma figura eminentemente humanista do pesquisador Carlos Eduardo Silveira. A despeito da extensa e rica carreira acadêmica do professor, hoje vinculado à UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri), Sidney, seu ex-aluno de graduação, opta por evidenciar o perfil humano, ético e comprometido do

educador Caê, como é comumente chamado por seus pares e alunos. Além disso, o que seria apenas uma apresentação do professor Carlos Eduardo se tornou, por extensão, uma produção textual marcada pelo otimismo, pela reciprocidade e pela confiança manifestas, sobretudo, no ato pedagógico do professor supracitado. Assim, pela escrita de Batista, nota-se que o ensino do Turismo está para além da dimensão programática do conteúdo e, ainda que esta seja essencial, Caê, por intermédio do seu ex-orientando, salienta o equilíbrio entre a dimensão do conteúdo e a valorização humana nos educandos.

Em seguida, o artigo “*Visões Qualitativas dos Atores da Vesperata em Diamantina/MG e suas possibilidades diante da teoria do marketing de destinos*”, de autoria de Carlos Eduardo Silveira, Juliana Medaglia, Maria de Lourdes Santos Ferreira e Viviane Cristina de Paula, por intermédio de um árduo e exaustivo procedimento de coleta de dados, lança luz, com o suporte da Teoria do Marketing de Destinos, sobre a Vesperata, tradicional evento musical que ocorre periodicamente em Diamantina, Minas Gerais, e tida hoje, por muitos, como o mais importante produto turístico do município. O instigante trabalho problematiza a ação coletiva organizada dos atores em torno deste evento, cuja singularidade e originalidade tornam-se mais realçadas na medida em que Diamantina se tornou um Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO, ao mesmo tempo em que contribuíram para alcançar tal fim. Entretanto, o trabalho demonstra, a partir da perspectiva dos atores ligados a esse produto turístico, uma permanente tensão entre esses agentes envolvidos com o evento, desde aqueles que preconizam para si o papel de “fundadores contemporâneos” dessa tradição, portanto dignos de maiores direitos sobre a Vesperata, até aqueles que se sentem alijados do processo ou não devidamente reconhecidos e, por último, certa ingerência do poder público municipal concernente ao turismo. Posto isso, partindo da constatação dos autores quanto ao fato da Vesperata ter alcançado os estágios de maturidade e saturação, parece problemático conceber que, em um contexto capaz de demandar maiores investimentos e novas ações capazes de incrementar e aperfeiçoar o produto, haja ruídos, disputas, faltas de informação e certa ingerência no que tange ao evento.

No texto seguinte, Ane Caroline Lopes e Romilda Aparecida Lopes descortinam ao leitor os desafios, problemas e limitações referentes à concepção, implementação e monitoramento das políticas públicas de lazer no Brasil. Tomando como escopo um município da Zona da Mata de Minas Gerais, o

trabalho “*Explorando as Percepções dos Gestores Públicos de Além Paraíba/MG: o lazer na ótica da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo*”, a investigação das pesquisadoras revela que, embora o lazer tenha sido considerado, na Constituição de 1988, um direito social de significativa relevância aos cidadãos, sua compreensão reducionista, visto ser ainda limitado o entendimento acerca de sua natureza conceitual, coloca entraves para uma política pública pautada nos diversos anseios da população. Assim sendo, o texto revela que, no município em questão, as ações de lazer do poder público não são guiadas por algum plano, tampouco políticas setoriais, mas por eventos e por iniciativas que se reduzem ao esporte, neste caso, o futebol, e a espetáculos musicais. Já o turismo, quando aparece ali, está eivado de anseios econômicos, não traduzindo, segundo as autoras, todo o seu potencial como uma vivência enriquecedora do lazer. Outros pontos dignos de atenção vigente no trabalho dizem respeito à dificuldade quanto à integração entre as secretarias municipais, bem como a falta de capacitação dos agentes públicos responsáveis pelo setor em Além Paraíba, Minas Gerais.

Estendendo a discussão sobre marketing turístico, Mirna de Lima Medeiros, Fabiana Gondim Mariutti e Danielle Fernandes Costa Machado, ao assinarem o trabalho “*A Pesquisa em Marketing Turístico: uma análise da produção acadêmica apresentada no Seminário da ANPTUR de 2006 a 2010*”, não só discorrem acerca da fundamental relação entre turismo e marketing, até porque um dos pontos elementares do turismo é o conceito de produto turístico, mas também se debruçam sobre a produção acadêmica ligada ao marketing existente em um dos mais importantes eventos científicos do Turismo no Brasil: os Seminários da ANPTUR (Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo). Ao se aterem a cinquenta e seis artigos ligados ao marketing turístico publicados no evento entre os anos 2006 e 2010, as autoras constatarem, em um primeiro momento, que a própria ANPTUR, a partir de 2008, passa a valorizar melhor a área de marketing turístico, na medida em que concebe Grupos de Estudos que contemplem a área de marketing. Curiosamente, a investigação revela que os estudos nacionais, embora concentrados em algumas instituições, com preponderância para contribuições oriundas do Sul e Sudeste do país, estão alinhavados com as temáticas e limitações internacionais, mormente ao dar amplo destaque para investigações de cunho qualitativo, de natureza empírica e centrados de maneira

mais robusta, no comportamento do consumidor, neste caso, os turistas.

O instigante debate contido em “*Sustentabilidade cultural: uma reflexão sobre o paradoxo existente nos encontros turísticos*”, dos graduandos em turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, Thomas Gomes Sant’Ana de Castro e Lucas Gamonal Barra de Almeida, questiona a possibilidade de existência da propalada sustentabilidade cultural no setor turístico. Ao pensar no sintagma “sustentabilidade cultural” no turismo, os próprios pesquisadores apresentam contradições internas no termo, haja vista que, se a “sustentabilidade” pressupõe equilíbrio, pensar a cultura e o poder como processos (e não como objetos, portanto, estáticos) no turismo pressupõe pensar em negociações, conflitos, estranhamentos e, sobretudo, mudanças, tendo em vista que a cultura é algo essencialmente dinâmico e mutável. Assim, o turista, quando chega a um destino, segundo os autores, desencadeia uma ampla gama de novas relações, comumente pautadas (ou guiadas!) por pressupostos e crenças culturais tanto dos anfitriões como dos visitantes. Nesse ínterim, ao estudarem três segmentos de viajantes, quais sejam os mochileiros, os intercambistas e os turistas de massa, os jovens graduandos asseveram que, embora mochileiros e intercambistas se prontifiquem, de antemão, a um contato mais extenso com a alteridade e mais sujeito às dificuldades inerentes ao encontro com os anfitriões, sempre estarão, ainda que em uma menor dimensão, sujeitos ao etnocentrismo, estranhamentos e eventuais conflitos, bem como farão uso, ainda que reduzido, dos intermediadores turísticos, problemas esses concernentes ao contato que, no caso do turista de massa, tendem a ser menos explícitos, sobretudo mediante ao significativo uso da estrutura concernente à organização da viagem.

Por último, “*Encontros turísticos: reflexões sobre o turismo através da subjetividade do turista*”, de Vera Maria Guimarães suscita a discussão em torno da compreensão do Turismo e da categoria “turista” como objetos de estudo das Ciências Sociais. Partindo para um enfoque que permite a emersão da questão da subjetividade nos atores turísticos, o texto, mediante um substantivo trabalho de revisão de literatura, associado a um trabalho de campo com turistas na praia da Barra da Lagoa, Florianópolis/SC, permite vislumbrar dimensões sociológicas e, em alguma dimensão, psicológicas do turista e, também dos anfitriões: seus dilemas, sua relação com a sua cultura e a dos “outros”. Ademais, o texto tem o mérito de descortinar a dimensão reflexiva nos atores turísticos, a partir da convivência, do contato, em suma, do encontro entre eles e permite desmistificar a crença

de que só os turistas seriam afetados positivamente pelo turismo, ao passo que, aos anfitriões, caberia o lado negativo da troca, ou seja, os impactos negativos e, por último, apresentar como a construção de sentidos concernentes a lugares e a grupos é construída ao longo do tempo, principalmente por parte dos turistas que visitam a praia da Barra da Lagoa.

Feitas essas considerações, gostaríamos de registrar nosso agradecimento à Pró-Reitora de Pesquisa da UFJF, Marta D’Agosto, pelo apoio incondicional que nos tem sido dado, bem como a toda a comunidade de colaboradores (leitores, avaliadores, estagiários, autores e membros do Conselho Editorial) que tem propiciado fazer de um sonho uma realidade!

A todos uma ótima leitura!

Thiago Duarte Pimentel
Edwaldo Sérgio dos Anjos Júnior
Coeditores